**á·ba·co**

(latim *abacus, -i*)

*substantivo masculino*

1. Aparelho para ensinar as crianças a contar.

2. Tabuleiro coberto de areia fina para as crianças traçarem com o dedo os primeiros delineamentos da escrita.

3. Parte superior do capitel da coluna.

1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, ∞

A matemática é um fundamento do ensino, e o ábaco - aquele com as bolinhas em linha - um instrumento fundamental - mesmo se arcaico - ao seu ensino. Com a matemática vêm regras, progressão, lógica, mas também abstração. O ábaco introduz as ferramentas para perceber o mundo, e, na sua limitação, também lembra que, a certa altura, tudo o que se aprendeu, e que se aprende, vai ficar para trás, porque há vazios onde nenhuma aprendizagem chega.

“Qual é o último número, mãe? É o 10?”

“Não, querido, não é.”

“É o 100?”

“Não, também não.”

∞

Menos conhecido, mesmo se igualmente arcaico, é o ábaco como instrumento de ensino da escrita, e, este, por quanto se apoie em uma necessária materialidade, já assume abertamente as limitações do seu aparente objetivo, a maleabilidade da areia seca dando azo a uma dança infinita de inscrição e cancelamento, um simples gesto da mão retribuindo à areia as caraterísticas da lousa em branco, do nada.

∞

A arte de Ana Morgadinho prende-se, fundamentalmente, na materialidade do objeto. Como o ábaco instrumento de contagem, reconhece a beleza do conhecimento e da ordem, da ciência (do latim *scientia*, conhecimento) beleza que se forma com padrões, classificações, ligações, ritmos. No entanto, a obra da artista é também ciente que tanto este conhecimento como ela própria, o próprio objeto de arte, assim como o ábaco instrumento de contagem, são uma armadilha: a solidez da arquitetura eclesiástica ocidental jaz à mercê da precariedade de uma estrutura periclitante, uma cara amiga de um quadro renascentista é também um passadiço para o vazio.

∞

A obra de Ana distingue-se por aparentar uma casualidade, na combinação de objetos e imagens, mas isto é também uma armadilha que esconde o processo de pesquisa, o elemento de tentativa e erro, método aplicado nos laboratórios científicos.

A esta supostamente casual combinação de objetos junta-se também uma acumulação, não só de objetos, mas também de técnicas. Nestas acumulações, a obra da artista lembra uma *kunstkammer*, um gabinete de curiosidades renascentista, do início do período dos descobrimentos, percursor dos museus enciclopédicos, onde o intuito era mostrar não só a riqueza deste admirável mundo novo mas também a do dono da coleção. Mas, assim como tudo, estas coleções já continham dentro de si pequenas sementes da sua autodestruição, pequenas formas de autossabotagem, dado que nem tudo era autêntico.

Neste mundo já não tao novo e menos admirável onde, geograficamente pelo menos, já não parece haver nada para descobrir, a artista seduz com o que é reconhecível e figurativo, para depois rebentar as nossas expetativas com o inesperado. Uma armadilha.

∞

No entanto, a armadilha é já dentro de nós. O figurativo é, sim, reconhecível, mas não por isso é mais compreensível do que o vazio: um animal, uma cara humana, o mar.

∞

*Wunderkammer* era outro nome para a *kunstkammer*, um gabinete de maravilhas. O vazio inidentificável é surpreendente, apavorante, assombrador, mas não necessariamente o figurativo reconhecível o é menos. A obra de Ana admite isto também. O passadiço que a sua arte oferece não é sempre só para o vazio. Será sempre sem fim, mas nunca será em vão.

∞